



Criacionismo x Evolucionismo: Análise de Discurso Sobre a Origem da Vida nas Revistas *Veja*, *Superinteressante* e *Galileu*¹

Stanley Botti Fernandes²

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

O presente trabalho faz uma análise dos processos de significação empregados pelas revistas *Veja*, *Superinteressante* e *Galileu* no que concerne às principais teorias que fornecem explicações sobre a origem da vida, a saber, o criacionismo e o evolucionismo. A análise discursiva foi empreendida com base em conceitos formulados por Mikhail Bakhtin, Émile Benveniste e Pierre Bourdieu. Foram analisados os modos verbais e não-verbais de produção de sentidos.

Palavras-Chave

criacionismo; discurso; evolucionismo; jornalismo.

1. Introdução: Mídia, Criacionismo e Evolucionismo

É consabido que a publicação de *A Origem das Espécies* causou grandes comoções e dividiu opiniões. Atualmente, as idéias do naturalista inglês Charles Darwin são majoritárias no campo científico. Todavia, não são unânimes.

Antes da publicação de *A Origem das Espécies* o criacionismo era aceito por cientistas até hoje considerados de renome tais como Isaac Newton, Johannes Kepler, Louis Pasteur, Boyle e outros. Isaac Newton teria dedicado metade de sua vida à ciência e a outra metade ao estudo da Bíblia. Seus estudos o levaram à conclusão de que se a velocidade e a posição dos corpos celestes fosse um pouco diferente, eles se chocariam. Isto o fez considerar que Deus havia criado o universo, estabelecendo-lhe leis.

Contudo, difunde-se que o evolucionismo teria posto em xeque esta concepção criacionista. A Teoria da Evolução teria conseguido explicar, de modo irrefutável, a origem da vida. Por muito tempo as idéias evolucionistas não foram vistas sob um olhar crítico, tendo-se convertido, segundo consideram alguns, em verdadeiros dogmas.

Em 1996, um bioquímico chamado Michael Behe – que não é criacionista – publicou

1 Trabalho apresentado no GT – Teorias da Comunicação, evento componente do VII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte.

2 Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da UFPA, e-mail: sbotti@bol.com.br.

discurso tem por objeto os processos de significação, isto é, como os objetos simbólicos produzem sentido. Insta salientar, ainda, que a análise de discurso não se dá somente no plano lingüístico, mas também no plano não-verbal.

2.1 Conceitos de Mikhail Bakhtin

Para Bakhtin, as criações ideológicas estão estreitamente ligadas aos problemas de filosofia da linguagem. Isso porque tudo o que é ideológico possui um significado, de modo que, para ele, não pode haver ideologia sem signo. Por isso, salienta a importância de um estudo sobre as relações entre linguagem e sociedade.

Bakhtin coloca, ao lado do universo sensível, o universo dos signos⁴. Todo signo ideológico teria, portanto, um substrato material (como o som, a escrita, imagem etc). Deste modo, refuta a idéia de que a ideologia estaria presente somente na consciência individual.

Entretanto, os signos não somente refletiriam uma realidade, mas também a refratariam. Deste modo, não haveria um sentido pronto e inexorável para cada signo, mas uma incompletude, uma inconclusibilidade do mesmo. Isto decorre do fato de que “cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira” (BAKHTIN, 1995, p. 33).

Neste ponto, interessante notar o caráter social do signo. Para Bakhtin a criação do signo resulta do contexto sócio-histórico. As palavras do próprio Bakhtin elucidam melhor a idéia: “realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico e, portanto, também o signo lingüístico, vê-se marcado pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social determinados” (BAKHTIN, 1995, p. 44).

Para ele, somente os objetos que ganham dimensão e relevância social tornam-se signos e, por conseguinte, elementos da comunicação. Por este motivo, só pode entrar no domínio do ideológico aquilo que tiver adquirido um valor social.

Contudo, não só o signo é dotado de um caráter social, como também as formas discursivas ou enunciações: “estas formas de interação verbal acham-se muito estreitamente ligadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social” (BAKHTIN, 1995, p. 42). E, depois, em outra passagem assevera que “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica” (BAKHTIN, 1995, p. 43).

⁴ Bakhtin exemplifica: o martelo e a foice são objetos do universo sensível. Todavia, podem também fazer parte do universo dos signos como emblema da União Soviética.

Deste modo, vemos que a análise de produção de sentido, em Bakhtin, deve sempre levar em consideração o contexto social da enunciação. Refuta-se, portanto, a concepção saussuriana segundo a qual a fala é um ato *individual* de apropriação da língua.

Assim é que Bakhtin considerará a palavra como “fenômeno ideológico por excelência”, uma vez que há na palavra outras vozes, além daquela que pertence ao interlocutor: “a palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se um produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva” (STELLA, 2005, p. 178).

Uma das características da palavra apontadas por Bakhtin é a neutralidade. Contudo, parece contraditório que ela seja o “fenômeno ideológico por excelência” e ao mesmo tempo seja neutra. É que a neutralidade refere-se a uma função ideológica *específica*, e não a ausência de ideologia. Dito de outro modo, “pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa etc” (BAKHTIN, 1995, p. 37). Assim, dependendo da estratégia discursiva, do campo social que enuncia etc, a palavra assumirá uma função ideológica.

Isto posto, a palavra, dado que cumpre uma função ideológica, apresentar-se-á como um lugar de conflitos sociais: “cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação social contraditória” (...), “uma arena onde se desenvolve a luta de classes” (BAKHTIN, 1995, p. 66 e 46). Pierre Bourdieu, como veremos, dará uma dimensão maior a esta disputa, através do conceito de *campos sociais*. Todavia, tenta-se ocultar esta função ideológica da palavra, ou melhor, tenta-se ocultar esta luta ou conflito de classes e orientações sociais antagônicas.

A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente. (BAKHTIN, 1995, p. 109).

Bakhtin entrevê no discurso outras vozes, além daquela pertencente ao interlocutor. A isto denomina-se *polifonia*. Num romance, por exemplo, não seria somente o autor quem emitiria o discurso, mas cada um dos personagens também o faria. Estaríamos, assim, diante do *dialogismo*, isto é, um diálogo entre os diferentes sujeitos (autor e personagens no caso do romance). A polifonia, como o nome sugere, configura-se, pois, pela existência de uma multiplicidade de vozes no discurso. “O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico”(BEZERRA, 2005,

194). Daí porque Bakhtin rejeita a concepção saussuriana pela qual a fala é a apropriação individual da língua: “o ato de fala, ou mais exatamente seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo (...). A enunciação é de natureza social” (BAKHTIN, 1995, p. 109).

Neste passo, convém trazer à baila os conceitos bakhtinianos de significação e tema, encontrados no capítulo 7 de *Marxismo e filosofia da linguagem*. A primeira contém elementos abstratos que são reiteráveis e idênticos toda vez que são utilizados. O tema, por sua vez, não é reiterável e, ao contrário da significação, é concreto. Para aclarar estes conceitos, importa transcrevermos as palavras de William Cereja:

A significação existe como capacidade potencial de construir sentido, própria dos signos lingüísticos e das formas gramaticais da língua. É o sentido que esses elementos historicamente assumem em virtude de seus usos reiterados. Já o tema é indissociável da enunciação, pois, assim como esta, é a expressão de uma situação histórica concreta. (CEREJA, 2005, p. 202).

Deste modo, a significação evoca o sentido mais reiterado – daí porque seu caráter é abstrato – enquanto que o tema evocará um sentido atrelado à enunciação – por isso, considerado concreto.

Por fim, a obra bakhtiniana ressalta o papel entre interlocutores nos processos de significação, isto é, a produção de sentido depende também de quem fala e de para quem se volta a enunciação: “essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém” (BAKHTIN, 1995, p. 109).

2.2 Conceitos de Émile Benveniste

Como dissemos acima, o principal referencial teórico deste trabalho advém de Mikhail Bakhtin, de modo que utilizaremos apenas de modo complementar as contribuições de Émile Benveniste e Pierre Bourdieu.

Em *Problemas de Lingüística Geral I*, Benveniste contribui para a problemática do sujeito no discurso. Benveniste explica que a constituição do sujeito decorre da alteridade, isto é, quando pronunciamos “tu”, tomamos consciência de nossa condição de sujeito (“eu”). Há, portanto, um interlocutor identificável.

Entretanto, dificuldades surgem quando o discurso está na terceira pessoa. Neste caso,

o interlocutor não seria identificável, pois haveria o que Benveniste chama de “não-pessoa”. “O elemento variável e propriamente pessoal dessas denominações falta aqui. (...) A ‘terceira pessoa’ não é uma ‘pessoa’; é inclusive a forma verbal que tem por função exprimir a ‘não-pessoa’”(BENVENISTE, 1991, p. 205 e 251).

Os discursos jornalísticos, regra geral, são produzidos na terceira pessoa, justamente com o intuito de exprimir uma “não-pessoa”. Esta estratégia discursiva decorre da ideologia da imparcialidade e objetividade jornalística. Assim, inexistindo uma subjetividade, o discurso jornalístico seria objetivo e imparcial.

2.3 Conceitos de Pierre Bourdieu

Pierre Bourdieu defende inicialmente que o poder não está concentrado em um só lugar. Ao contrário, o poder pode ser exercido “em toda parte” (BOURDIEU, 1989, p. 7). Ademais, este poder não é somente físico, mas também simbólico: “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, op. cit., p. 8).

Este poder teria o condão de “estabelecer uma ordem gnoseológica” (BOURDIEU, op. cit., p. 9), isto é, de construção do mundo, da realidade, do conhecimento. Além disso, o poder simbólico tem a capacidade de realizar o mesmo que a força física, todavia, com a vantagem de que é “exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos” (BOURDIEU, op. cit., p. 8).

Assim, ciente deste potencial, a classe dominante urdiria produções simbólicas tendo em vista a dominação. Insta salientar que, assim como defendia Bakhtin, estas tramas urdidadas tentam ser ocultadas: “as ideologias (...) servem a interesses particulares que tendem a se apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo” (BOURDIEU, op. cit., p. 10).

Ora, onde há poder, há disputa pelo seu exercício. Mais um encontro com Bakhtin: a palavra é uma arena de disputa de classes. Contudo, Bourdieu dá uma dimensão maior à concepção bakhtiniana e propõe a existência de campos sociais. Esses campos sociais seriam “diferentes universos relativamente autônomos de relações específicas” (BOURDIEU, op. cit., p. 65), tais como o campo midiático, o jurídico, o científico, o religioso etc. Assim, os diferentes campos sociais entrariam em conflito na disputa pelo poder simbólico. Mas haveria conflitos não só entre campos, mas dentro de um próprio campo, como, por exemplo, entre diferentes veículos de comunicação, no caso do campo midiático; entre diferentes religiões,

no campo religioso etc.

Bourdieu desenvolve mais a idéia e conduz-nos ao conceito de capital simbólico. Este consistiria nos recursos, nas condições para o exercício do poder simbólico. Quanto mais capital simbólico tiver o sujeito, mais poder simbólico exercerá.

Ademais, propõe o conceito de *habitus*, que seria a apreensão da ordem estabelecida como natural, isto é, enraizar, interiorizar a sujeição ao poder simbólico.

Pierre Bourdieu, assim como Bakhtin, entrevê no interlocutor – *quem* fala – uma estratégia que concorre para a produção de sentido: “o que faz o poder as palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras” (BOURDIEU, op. cit., p. 15).

Assim, vemos como o campo midiático ganha importância na configuração atual da sociedade. Este campo passa a exercer uma função de mediação dos conflitos entre os campos sociais. Sua atuação precípua é de ordem discursiva. Aliado a isso, sua maior visibilidade confere-lhe um lugar privilegiado e disputado pelos demais campos sociais.

3. Análise de Discurso sobre a Origem da Vida nas Revistas Veja, Superinteressante e Galileu

3.1 Pontos em comum

Como dissemos acima, regra geral, o discurso jornalístico é produzido na terceira pessoa, com o intuito de mascarar a subjetividade e denotar imparcialidade. Tal estratégia discursiva é utilizada em todas as matérias jornalísticas objeto deste trabalho e concorre para a produção de sentido, uma vez que, tratando-se de um tema tão polêmico, uma exposição “isenta” do assunto seria aquela considerada mais próxima da “verdade”, posto que não afetada por nenhuma das duas teorias: o campo midiático seria apenas um mediador dos discursos.

Ademais, todos os textos jornalísticos analisados foram matéria de capa nas revistas. Este também é um meio de produção de sentido, pois a matéria de capa é axiologicamente superior em relação às demais matérias contidas nas revistas: a ela confere-se uma importância maior. A matéria de capa, regra geral, é aquela que tem mais espaço na revista e o conteúdo – ao menos em tese – é o mais apurado.

3.2 Revista Veja

3.2.1 Matéria “Choque de Culturas”

A matéria *Choque de Culturas*, publicada pela Revista *Veja* em 08 de fevereiro de 2006, trata, em suma, das diferenças culturais entre o Islã e o Ocidente. Foi produzida por ocasião das manifestações islâmicas contrárias às charges do profeta Maomé, publicadas por uma revista dinamarquesa.

O principal motivo deste choque de civilizações seria, segundo a revista, o fanatismo “que diminui as chances de diálogo”. Quase no fim da matéria, o assunto é retomado. Desta vez, porém, um historiador mulçumano é citado para corroborar o discurso e o termo *fanatismo* é substituído por *fundamentalismo*, sem prejuízo para a produção de sentido.

Ademais, a matéria contém imagens que contribuem para a produção de sentido da palavra *fundamentalismo*: pessoas pichando, queimando, ou pisando na bandeira da Dinamarca e atacando um escritório da União Européia.

No parágrafo seguinte, a matéria entra na polêmica a respeito da origem da vida:

A civilização ocidental assenta-se sobre valores hoje estranhos ao mundo *medieval* dos fundamentalistas – tanto os mulçumanos quanto os cristãos. Basta um dado. Um em cada dez americanos *rejeitam* as teorias evolucionistas de Charles Darwin. Eles *rejeitam* a *ciência* em um assunto científico, preferindo *aceitar* a *teses* bíblicas de que Deus criou todos os seres vivos. Isso é *treva*. (SCHELP, 2006, p. 70, grifo nosso).

As estratégias discursivas empregadas são claras e a concepção bakhtiniana de *tema* nos ajuda na análise. A palavra *fundamentalista*, que antes estava restrita a terroristas islâmicos, passa a abarcar também os cristãos criacionistas. Associa-se, assim, a concepção criacionista ao sentido do termo *fundamentalismo*, construído durante todo o texto precedente e pelas imagens. Como vimos, “o tema é concreto e histórico e tende ao fluido e dinâmico, ao precário, que recria e renova incessantemente o sistema de significação, ainda que partindo dele” (CEREJA, 2005, p. 202).

Vemos também que o signo, como propôs Bakhtin, não só reflete, mas também refrata a realidade. Não há, pois, um sentido inexorável e único decorrente de um signo, que pode também criar novos sentidos. É o caso do termo *fundamentalismo* na análise em apreço.

Percebe-se também que a matéria usa o mesmo verbo (*rejeitam*) em dois períodos seguidos. Ora, a repetição de palavras em períodos próximos não é recomendável. Todavia, no presente caso, ela se dá em virtude das estratégias discursivas empregadas. Depreende-se que

o sentido de *rejeitar* as teorias evolucionistas de Charles Darwin, equivale ao de *rejeitar* a ciência em um assunto científico. A utilização do mesmo verbo presta-se, portanto, a constituir um elemento de conexão e atribuição de um único sentido para os dois períodos. Por outro lado, é empregado o verbo *aceitar*, antônimo do verbo *rejeitar*, para referir-se ao criacionismo.

Outra estratégia de produção de sentido é a utilização do termo *ciência* para referir-se às teorias de Charles Darwin, enquanto que o termo *tese* foi utilizado para referir-se ao criacionismo. Neste ponto, entra em jogo a concepção bakhtiniana de *significação*, isto é, o sentido mais usual e reiterado de um signo. A análise, neste caso, é feita com base na *significação* e não no *tema*, posto que a matéria jornalística não constrói no texto outros sentidos aos termos *ciência* e *tese*, utilizando, isto sim, os sentidos mais convencionais.

Por fim, cumpre analisarmos a utilização do termo *treva*. Neste caso, devemos analisá-lo com base no conceito de *tema*, posto que o sentido da expressão utilizada é construído pela enunciação. Pela *significação*, o termo *treva* refere-se a um estado físico de ausência de luz, o que tornaria a enunciação sob análise desprovida de coerência. Todavia, o emprego do termo *medieval* no início da enunciação é que vai contribuir para a produção de sentido.

É consabido que a Idade Média é conhecida como a Idade das Trevas. Neste período, o conhecimento estava restrito a uma exígua classe social e havia o predomínio da fé. Mais tarde, defendeu-se a primazia da razão e do conhecimento (principalmente o científico). A tal período denominou-se Idade das Luzes ou Iluminismo.

Assim, a matéria jornalística sob análise visa evocar estes sentidos ao associar os termos *medieval* e *treva* para referir-se àqueles que são adeptos do criacionismo. Percebe-se, outrossim, a polifonia presente no emprego do termo, dado que arregimenta vozes provenientes do discurso iluminista na utilização dos termos acima citados.

3.2.2 Matéria “A Revolução Sem Fim de Darwin”

A matéria jornalística abaixo analisada foi publicada em 09 de maio de 2007. O período de sua publicação coincidia com uma exposição, em São Paulo, sobre Darwin. É oportuno ressaltar que a editora Abril, da qual faz parte a revista *Veja*, era uma das principais patrocinadoras do evento.

Além do texto escrito, a matéria é composta por infográficos e imagens que contribuem para a construção de sentido proposta no texto escrito. Nenhum texto não-verbal é dedicado ao criacionismo, o que caracteriza um silêncio que, como veremos adiante, é uma

estratégia discursiva.

No início do texto escrito, entrevê-se já a polifonia, a arregimentação de vozes no discurso proposto, quer seja de modo intencional ou não. Vejamos: “A exposição atrai sobre Darwin a atenção que ele merece como herói da *razão* e um inimigo da *superstição* e da *ignorância*” (CARELLI; CAMARGO, 2007, p. 112, grifo nosso).

A voz trazida à baila pertence ao discurso iluminista, principalmente a Voltaire. Este, na *Enciclopédia*, incluiu o verbete *Providência*, o qual associou ao termo *superstição*. Vale aqui o que dissemos quando analisamos o emprego dos termos *medieval* e *treva*, no ponto 3.2.1. Deste modo, ao evolucionismo associam-se os sentidos de *razão* e *conhecimento*, ao passo que ao criacionismo associam-se os sentidos de *ignorância* e de *superstição*. Esta idéia é retomada em outros momentos, principalmente no final da matéria: “A fé humana já se provou resistente a todos os argumentos da *lógica*” (CARELLI; CAMARGO, 2007, p. 119, grifo nosso).

Interessante notar que a matéria visa ocultar os conflitos ideológicos existentes na palavra, como pensava Bakhtin. Na verdade, a matéria procura demonstrar que o evolucionismo é tema pacífico no campo científico, encontrando antagonistas apenas no campo religioso:

Essa visão pré-darwinista, que só sobrevive dentro dos círculos religiosos, tem conseguido ultimamente uma projeção assustadora. (...) Darwin só tem inimigos fora da ciência. (...) As idéias de Darwin, aperfeiçoadas por seus discípulos ao longo de 150 anos, são hoje um consenso entre os biólogos (CARELLI; CAMARGO, 2007, p. 112).

Como vimos anteriormente, há um conflito no próprio campo científico quanto à validade das proposições evolucionistas, não se tratando somente de um conflito entre diferentes campos – o científico e o religioso. Tenta-se dar ao discurso sobre a origem da vida um caráter monológico.

Emerge claramente o conceito de *habitus* de Bourdieu, pois a aceitação da teoria evolucionista deve ser algo natural, isenta de reflexão. Daí a crítica feita por alguns de que o evolucionismo converteu-se num verdadeiro dogma.

Outra estratégia discursiva consiste no silêncio, isto é, “calar” ou ocultar as vozes dissonantes do discurso ideológico proposto. A revista *Veja*, deixou de publicar uma entrevista com uma professora de Biologia que havia explicado os pontos defendidos pelo

criacionismo⁵. Deste modo, o silêncio do discurso antagônico concorre para a produção de sentido. Como dissemos acima, o silêncio pode ser, também, extraverbal.

3.3 Revista Superinteressante – Matéria “Evolução da Evolução”

Semelhantemente à revista *Veja*, a revista Superinteressante pertence também ao grupo Abril. A revista que contém a matéria sob análise foi publicada no mês de junho de 2007, por ocasião da exposição sobre Darwin em São Paulo. Além do grupo Abril patrocinar o evento, a *Superinteressante* também figurava no rol dos patrocinadores.

Preliminarmente, antes de analisarmos o texto escrito e o não-verbal, cumpre considerarmos *quem* é o interlocutor. Como foi demonstrado acima, a produção de sentido depende, em grande parte, de *quem* fala. No caso em tela, é uma revista científica – ao menos assim se proclama. Isto confere a ela um grau de confiabilidade maior, sobre o assunto, do que uma revista como a *Veja*, que analisamos anteriormente. Firma-se, assim, a ideologia de que se a especialidade desta revista é jornalismo científico, é provável que o conteúdo veiculado seja confiável. Aplicam-se aqui os conceitos de legitimidade e capital simbólico formulados por Pierre Bourdieu.

A capa da revista é muito rica simbolicamente. Nela, aparece um macaco e ao lado dele imagens de cinco buracos como se fossem vestígios de balas que perfuraram a capa da revista. Abaixo, aparece o título “Darwin: o homem que matou Deus”.

Um macaco na capa e a palavra *Darwin* são logo associados ao evolucionismo. Por outro lado, os cinco buracos como se fossem vestígios de balas que perfuraram a capa da revista são rapidamente associados ao verbo *matou*, empregado no título. Estes elementos, por si sós, já bastariam para afirmarmos a polifonia aí existente: há um intenso diálogo na capa.

Todavia, outro elemento de grande carga simbólica é o título: “Darwin: o homem que matou Deus”. A revista convidou o discurso de Nietzsche para a produção de sentido. O filósofo de Leipzig escreveu na quarta e última parte de *Assim falou Zaratustra* que “Deus estava morto”. De certo modo, pode-se dizer que, pela construção de sentidos da capa da revista, o evolucionismo está associado ao ateísmo, isto é, as idéias de Darwin negam a existência de Deus. Chegar a uma conclusão como essa não é sem sentido: no corpo da matéria a revista arregimenta a voz de um atual defensor do ateísmo, a saber, Richard Dawkins. Entretanto, como vimos anteriormente, há uma inconclusibilidade dos signos, não há um sentido pronto.

⁵ O teor da entrevista pode ser consultado no seguinte endereço eletrônico: <http://michelsonborges.blogspot.com/>. Último acesso em 13/07/2007.

Um ponto interessante a ser observado na matéria é a sua organização gráfica. A matéria é composta por um total de dez páginas, cinco das quais são gráficos e as outras cinco são compostas por textos escritos. Percebe-se logo que uma grande importância é dada a estes gráficos. O curioso é que todos os gráficos estão nas páginas da direita, geralmente consideradas mais importantes que as da esquerda, posto que os olhos fixam-se primeiramente naquelas.

Como dissemos, o dialogismo está presente na matéria. Neste passo, a construção de sentido pelo *tema* é importante. A matéria, partindo da *significação*, dá sentido ao signo por meio da enunciação. A matéria inicia dizendo: “E Darwin criou o homem”. No gráfico da página seguinte o título é “Gênesis: a jornada da evolução dá a largada”. Em um gráfico mais adiante o título é “Apocalipse(s)”. Todos fazem uma clara alusão à Bíblia. Contudo, os signos ligados a ela (pela significação, posto que reiterados), são resignificados a partir da enunciação.

Notória também é a arregimentação de certas vozes no discurso ora analisado. Como vimos, o discurso de Nietzsche aparece implicitamente. Porém, Richard Dawkins e Spinoza – o primeiro, um ateu declarado; o segundo considerado herege e sacrílego em sua época – são citados literalmente. Estes sujeitos, portanto, dialogam com Darwin na matéria.

Mais uma vez emerge a ideologia do consenso a respeito do evolucionismo. A matéria denomina Darwin como o “assassino de Deus”, como se suas proposições tivessem dado cabo do criacionismo. Tivemos a oportunidade de ver que, mesmo no meio científico, há aqueles que adotam o criacionismo como modelo apto a explicar a origem da vida.

Aqui o silêncio também coopera na produção de sentido. Não há nem a exposição de idéias criacionistas, nem ao menos reflexões críticas ao evolucionismo.

3.4 Revista Galileu – Matéria “A Religião Contra-ataca”

A matéria foi publicada em agosto de 2001. Está mais próxima, no tempo, da polêmica que envolveu a inclusão do criacionismo nos currículos escolares do ensino básico de escolas americanas.

A revista *Galileu* é também conhecida como uma revista científica. Vale para ela o que expusemos sobre a revista *Superinteressante* a esse respeito, isto é, sua condição de revista científica confere-lhe maior “legitimidade”, capital simbólico, para abordar assuntos de teor científico.

O texto escrito da matéria é precedido por uma imagem que ocupa quase uma página e

meia. Nela, vê-se a árvore evolutiva cortada na raiz por um machado com o símbolo de um peixe na sua extremidade. No plano vertical, à esquerda, há uma linha cronológica das eras geológicas e, à direita, a palavra *criacionismo*. No plano horizontal, na parte de cima, a escala evolutiva das espécies, segundo o evolucionismo.

A árvore evolutiva representa a teoria da evolução. Esta árvore está sendo cortada por um machado, que tem na sua haste um peixe, sabidamente um símbolo do cristianismo. O plano vertical (criacionismo) contrapõe-se ao horizontal (evolucionismo).

Os elementos extraverbais estão presentes não somente na capa. Em todas as páginas da matéria, no plano superior, há imagens que representam Deus, imagens da Bíblia (mais especificamente do livro de Gênesis), imagens de fósseis, arqueólogos e de Darwin.

O título da matéria (“A religião contra-ataca”) reforça o que já expusemos outrora: a ideologia de que o evolucionismo só é questionado pelo campo da religião. A idéia é complementada pelo subtítulo: “Movimento nos EUA é tão forte que interfere no ensino de *ciência* nas escolas” (COUTINHO, 2001, p. 29, grifo nosso). Mais uma vez o termo *ciência* é designado para referir-se ao evolucionismo e para contrapor-se ao criacionismo.

Cria-se uma imagem dos criacionistas na matéria que não é muito favorável:

Na década de 20, os *fundamentalistas* começaram a se organizar para combater, mais que a evolução, a influência da *ciência* na educação. A base social desse *movimento populista e antiintelectual* era o *interior rural e atrasado*, principalmente no sul dos Estados Unidos. (...) Além disso, calcula-se que um terço dos professores, *mal pagos e mal formados*, são criacionistas. Em contrapartida, *intelectuais*, como Jane Meienshen, uma das mais conhecidas historiadoras naquele país, se empenham em trabalhar pela *melhoria* do ensino. (COUTINHO, 2001, p. 31, grifo nosso).

Na página seguinte, há uma foto e uma citação do presidente americano George Bush, notadamente sem prestígio algum, mesmo na época, defendendo o ensino do criacionismo nas escolas. Mais adiante, a revista fala dos novos criacionistas: “eles não vêm mais apenas das áreas rurais. Vivem em cidades e possuem alguma formação técnica”.

Veja-se que as expressões *fundamentalistas*, *movimento populista*, *antiintelectual*, *interior rural*, *interior atrasado*, *professores mal pagos*, *professores mal formados* e *pessoas dotadas de alguma formação técnica* são empregadas para a construção da imagem do criacionista. Impossível não invocar o conceito de *tema*, proposto por Bakhtin, eis que os sentidos propostos emergem da enunciação. Cumpre também lembrar a neutralidade da palavra, isto é, sua capacidade de produzir sentido dependendo da função ideológica.

Por outro lado, como tivemos a oportunidade de demonstrar, o evolucionismo está sempre associado ao conhecimento científico: “Na década de 20, os *fundamentalistas* começaram a se organizar para combater, mais que a evolução, a influência da *ciência* na educação” (COUTINHO, 2001, p. 31, grifo nosso). Mais adiante temos: “Nesta entrevista a GALILEU, ela fala sobre as características da sociedade americana que podem *prejudicar a educação científica e favorecer o criacionismo*” (COUTINHO, 2001, p. 35, grifo nosso). Neste caso “prejudicar a educação científica” equivale a “favorecer o criacionismo” e seriam efeitos de uma causa: as características da sociedade americana. A imagem construída do evolucionista é a do *intelectual*: “Em contrapartida, *intelectuais*, como Jane Meishen, uma das mais conhecidas historiadoras naquele país, se empenham em trabalhar pela *melhoria* do ensino” (COUTINHO, 2001, p. 33, grifo nosso).

Neste caso, não há a utilização do silêncio como estratégia discursiva para a produção de sentido. A matéria expõe as principais idéias evolucionistas e as criacionistas, explícita ou implicitamente. Tal característica está presente, inclusive, nas sugestões de leitura e de *sites* recomendados.

4. Conclusão

Ao cabo das análises feitas e com base no referencial teórico, concluímos que a imparcialidade jornalística é uma ideologia que visa legitimar o discurso jornalístico. A noção de que o campo midiático *somente* faz a mediação entre os demais campos sociais é uma estratégia de exercício do poder simbólico: esta ideologia visa ocultar o exercício de poder e tê-lo como natural. Para tanto, como vimos, os discursos são propostos na terceira pessoa (uma não-pessoa) de modo a ocultar a subjetividade e o posicionamento.

Desponta cristalina, também, a neutralidade da palavra, como propôs Bakhtin. Vimos como o sentido usual das palavras (conceito de *significação*) pode ser reconstruído em função da enunciação (conceito de *tema*), vinculando-se novos sentidos ao termo. Por isso, a palavra é neutra: pode servir a qualquer função ideológica. Dessa característica decorre a luta travada na palavra para a imposição da ideologia.

Por fim, pudemos perceber nas revistas analisadas que o evolucionismo está sempre associado ao termo *ciência*, e que esse sentido não é construído na enunciação (conceito de *tema*), mas evoca o sentido reiterado (conceito de *significação*). Ao passo que, na maioria das vezes, o criacionismo está relacionado a termos como *fundamentalismo*, *ignorância*, *antiintelectualismo*, *superstição* etc. Em função disso, os discursos tendem a propor que o

conflito dar-se-ia somente entre os campos científico e religioso, quando, na verdade, o conflito é também existente dentro do campo científico.

5. Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 7ª ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1995.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 3ª Ed. Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1991.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: **Bakhtin: conceitos-chave**. BRAIT, Beth (Org.). 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 193-201.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

BRAITH, Beth (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção de sentido**. 2ª Ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.

CARELLI, Gabriella; CAMARGO, Leoleli. A revolução sem fim de Darwin. **Veja**. São Paulo, n 18, p. 112-119, 09 de maio de 2007.

CEREJA, William. Significação e tema. In: **Bakhtin: conceitos-chave**. BRAIT, Beth (Org.). 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 202-212.

COUTINHO, Marília. A religião contra-ataca. **Galileu**. Rio de Janeiro, edição 121, p. 29-35, agosto de 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Ed. Pontes, 1999.

SCHELP, Diogo. Choque de culturas. **Veja**. São Paulo, n 508, p. 64-70, fevereiro de 2006.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: **Bakhtin: conceitos-chave**. BRAIT, Beth (Org.). 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 178-192.

VERSIGNASSI, Alexandre; REZENDE, Rodrigo. Evolução da evolução. Superinteressante. São Paulo, SP, edição 240, junho de 2007, p. 60-69.